



F DIÁLOGOS REIREANOS

A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Luís Alcoforado
Márcia Regina Barbosa
Denise Aparecida Brito Barreto
(editores)

1. PAULO FREIRE NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. MEMÓRIAS E SIGNIFICAÇÕES DE UM TEMPO DE FÉ E AÇÃO

*Luís Alcoforado*¹

*Sónia Mairos Ferreira*²

Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre a presença de Paulo Freire (e dos seus ensinamentos) em Coimbra-Portugal, mesmo antes da sua primeira visita ao país, após o 25 de abril de 1974. Para isso, traça um panorama dos primeiros contactos dos estudantes e professores da Universidade de Coimbra com o método Paulo Freire no âmbito das dinâmicas geradas pelo Graal, ainda em princípios da década de 1970. Essas dinâmicas consistiram fundamentalmente no trabalho de alfabetização realizado por jovens católicas junto a populações rurais da região, trabalho esse que se estendia a ações culturais e ao apoio estrutural a tais comunidades. Para além de uma síntese dos textos preparatórios do programa proposto pelo Graal, os autores do texto recuperam memórias e significações de uma participante nesse programa, na época estudante de Medicina

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

² Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

da Universidade de Coimbra, no sentido de perceber como o programa foi vivenciado pelos/as alfabetizadores/as na relação com as comunidades rurais.

Abstract

This paper addresses a reflection on the presence of Paulo Freire's thinking (and teachings) in Coimbra-Portugal, even before his first visit to the country, after April 25th of 1974 (Portuguese Revolution). Therefore, the paper outlines the first contacts between students and professors of Coimbra University with Paulo Freire's lessons under the Graal's dynamics in the early 1970's. Such dynamics focused in the young catholics' efforts in order to develop literacy in rural areas of Coimbra. The activities included cultural events and structural support to such communities. Besides the analysis of the educative programs of the Graal, the authors recover memories and meanings of a teacher-participant of this group, at the time a student of Medicine in the University of Coimbra, in order to understand how this educative program was experienced by teachers in relation with the rural communities where literacy efforts took place.

1. Paulo Freire em Coimbra (e na sua Universidade) na década de setenta

No livro *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire conta-nos como, quando vivia em Genebra, nos primeiros anos da década de setenta do século XX, perante o pedido de “um inquieto jovem português” para conversar com ele, foi confrontado com a seguinte pergunta: sabe o quanto um grupo de católicas deturpou suas ideias na zona rural de Coimbra, em Portugal? Paulo sabia do trabalho das jovens, mas não tinha sobre ele o mesmo juízo! Algum tempo antes, ainda nos Estados Unidos, tinha recebido “uma série de bilhetes, vários deles escritos numa mesma folha de papel, de ex-analfabetos portugueses”. Levadas por uma jovem americana, estas mensagens de pessoas da região rural de Coimbra, camponeses, tecedeiras e lavadeiras pretendiam agradecer-lhe o que tinha feito por eles, manifestar-lhe a sua amizade e endereçar-lhe um convite para os/as visitar, para que lhe pudessem expressar, de viva voz, a sua reconhecida afeição.

Na recordação deste acontecimento, Paulo não disfarça a satisfação que estas palavras, escritas por portugueses e portuguesas recém-alfabetizadas, que viviam as agruras de um regime não democrático, lhe trouxeram. Talvez estivesse sentindo que a mensagem comum, escrita numa flâmula que acompanhava os escritos e que constatava que “há pessoas que fazem nascer flores onde não se pensava que fosse possível”, era mais um testemunho de que as suas ideias, os seus contributos e a sua luta se iam alargando pelo mundo, levedando um projeto cada vez mais consciente de necessidade de justiça e liberdade. Por isso mesmo, lhes deu a importância que a sua sensibilidade sempre dedicava às pessoas que procuravam aprender, ao mesmo tempo que procuravam mudar o seu mundo.

Respondi a todos e a todas, que me escreveram, pequenas cartas em linguagem simples, jamais simplista e as encaminhei para o

endereço de Maria de Lourdes Pintassilgo, anos depois primeira-ministra de Portugal e que, na época, liderava, ao lado de Tereza Santa Clara, o esforço de um grupo de excelentes gentes trabalhando em educação popular. A alfabetização naquela área rural de Coimbra era só um momento do que fazia, dedicada e competentemente a equipe do Graal, amorosa e lúcida. (Freire, 1992)

Mas o jovem português insistia, naquela conversa de Genebra, na sua convicção inabalável de que se tinha tratado de um trabalho em que não se havia associado a alfabetização à luta política contra o regime ditatorial, tudo se resumindo, no fundo, à ação voluntarista de “umas catoliconas idealistas, sem a compreensão da luta de classes enquanto motor da história”. Se no momento daquele encontro, Paulo Freire já parece convencido de que o seu jovem interlocutor estava a fazer uma avaliação demasiado simplista e unidirecionada daquelas atividades educativas, uns anos mais tarde, quando finalmente a revolução de abril criou condições para o seu contato com a esperança de homens e mulheres que antes não tinham direito a pensamento e voz e passam a encontrar a alegria de usar a palavra e a música para ajudar a desatar as amarras que as e os prendiam, confirma, na dinâmica das comunidades a descobrirem-se livres, o quanto o seu pressentimento estava certo.

Visito Portugal a convite do novo governo a que se junta igualmente a Universidade, onde falo a professores e a estudantes. Visito Coimbra, sua universidade e obviamente, levado pelas mesmas moças amorosas e dedicadas, crentes em Deus e na necessidade de mudar o mundo em favor dos esfarrapados, visito os camponeses e camponesas que me haviam escrito aquelas cartas de bem fraterno. Abracei-os e abracei-as carinhosamente. Nossos corpos como que “escreviam”, uns nos outros, o nosso discurso afetivo que expressava um mútuo agradecimento. O deles a mim.

O meu a eles e a elas. Foi naquela manhã em Coimbra, no campo, que soube ter sido aquela pequena comunidade rural que, com umas poucas mais, deu total apoio ao governo revolucionário, num dos momentos de assanhamento da direita. Uma das mais idosas camponesas que se alfabetizara com as jovens do Graal, despertou numa certa madrugada e, discretamente, recolheu a propaganda fascista que havia sido distribuída durante a noite no seu povoado. O povoado inteiro se recusou a apoiar a manifestação direitista, para que fora convocado pelos panfletos... Não foi preciso fazer-se discurso sobre a luta de classes, que, na verdade, existe, durante o curso de alfabetização, para que ela e seus companheiros, na hora certa, percebessem a relação entre a leitura da palavra, a leitura do mundo e sobretudo a transformação do mundo... (Freire, 1992)

Se é verdade que a vertigem de um novo tempo convocava e reforçava comportamentos que se afastassem decididamente da axiologia do regime derrubado, havia na sinceridade daqueles relatos algo de genuíno, que transmitia uma conscientização problematizadora capaz de se constituir como garante inquebrável da transformação que as pessoas pareciam querer empreender. Paulo Freire convenceu-se, ali mesmo, da eficácia de atividades educativas que lhe pareciam ter sido bem pensadas e bem desenvolvidas, construindo a convicção de que o “trabalho das moças católicas tinha sido apenas sensato e feito nos limites da boa tática e não reacionário”.

Este trabalho constituiu, através das dinâmicas geradas pelo Graal, o primeiro grande encontro dos docentes e estudantes da Universidade de Coimbra com as propostas educativas de Paulo Freire. Eram docentes e estudantes católicos/as, que acreditavam que as suas convicções religiosas só faziam sentido se incluídas num processo de luta por um mundo diferente, mais justo e mais humano. Uma luta que devia ser desenvolvida pelas pessoas, mu-

nidas da leitura da palavra, mas principalmente, dotadas de um pensamento crítico e problematizador da sua realidade. Era nesta busca que a proposta educativa a desenvolver faria sentido. Foi esta procura que levou a utilização das ideias pedagógicas de Paulo Freire, entendidas como contrárias a qualquer tipo de inculcações externas às comunidades e defensoras intransigentes de um trabalho feito com as pessoas, na construção das suas próprias condições transformadoras, num incremento progressivo da inclusão e da justiça social, através de uma maior conscientização (Graal, 1979; Teodoro, 2002). Mesmo se o ambiente político e cultural não era propício a essas possíveis mudanças, nem por isso deixava de se acreditar que a conscientização era possível e necessária. A visita de Paulo Freire a Coimbra e à sua Universidade foi, também, o reconhecimento desse trabalho e a vontade de testemunhar o amor pelas pessoas e a fé num mundo diferente, que o envolvimento militante de docentes e estudantes revelou.

Mais de três décadas depois, foi a nossa vez de nos envolvermos na descoberta destas atividades educativas e de procurar entender os efeitos que elas provocaram naquelas pessoas e nas suas comunidades. Logo no início do novo milénio, como estávamos interessados em incluir Paulo Freire nos nossos programas disciplinares, começámos, em simultâneo e publicamente, a alertar para a atualidade do pensamento de Paulo Freire e para a pertinência que o uso das práticas que dele resultam poderia assumir, no quadro de políticas públicas demasiado marcadas pela omnipresente preocupação do desenvolvimento económico. Considerávamos nessa época, como continuamos a pensar neste momento, que era necessário combater uma visão insularizada da Educação de Adultos, fazendo eco de dois consensos principais, que se começavam a gerar entre os diferentes agentes:

O primeiro apela a um reforço da dimensão crítica como forma progressiva de libertação de condicionalismos que limitam o

exercício pleno de uma cidadania planetária total, ativa e informada por parte de todas as pessoas, no sentido de uma garantia plena de igualdade de direitos, deveres e oportunidades; o segundo invoca a necessidade de alguma desvinculação das sucessivas tarefas cíclicas que lhe foram sendo atribuídas, criando condições para que ela possa contribuir para a construção de um novo *ethos* civilizacional, talvez mais contido em termos de poder, mas mais sintonizado com o mundo e com a vida das pessoas e comunidades. (Alcoforado & Ferreira, 2011, pp. 11-12)

Era esta busca que nos impelia a descobrir Paulo Freire e a pensar a atualidade dos seus contributos no Portugal dos nossos dias. Era essa também a razão que nos levava a desafiar os educadores, para cujos debates éramos convidados, a repensar as nossas práticas com base numa possível (re)apropriação dessas contribuições. Foi nesses momentos que fomos confrontados com a lembrança da experiência já referida. Na verdade, outras/os, também ligados/as à Universidade de Coimbra, tinham tido, há mais de três décadas essa mesma percepção, levando a cabo, na região rural mais próxima da cidade, experiências educativas e práticas de animação social de sucesso, com base nos trabalhos do autor que nós procurávamos convocar. Tornava-se forçoso empreender um trabalho analítico e compreensivo dessas experiências, aprendendo o necessário que pudesse contribuir para consolidar novas propostas e experiências educativas, necessariamente comprometidas com a vontade de mudança das pessoas e das suas comunidades. Se essa ideia foi germinando nas nossas intenções de investigação, um trabalho mais orientado ficou determinado, no quadro da iminência das comemorações do 50º aniversário de Angicos, com a vontade de perceber as repercussões que essas práticas do nordeste brasileiro tiveram deste outro lado do Atlântico.

A primeira interpelação que nos ocupou foi, aproximadamente, a mesma ideia central que tinha integrado a conversa com

o jovem português, em Genebra, que Paulo Freire descreveu no livro *Pedagogia da Esperança*. Na verdade, não deixa de ser uma questão a motivar diversas perplexidades, o facto de se ter desenvolvido um programa educativo com este suporte teórico, num regime ditatorial. Se é certo que o regime do Estado Novo ensaiava uma tímida abertura política, num processo identificado, à época, como primavera que, na verdade, nunca chegou sequer a florir, não deixa de ser verdade que continuava a existir a presença sufocante da polícia política, permanecia a limitação autoritária dos direitos políticos mais essenciais e se mantinha a ordem musculada da organização corporativa da vida do país.

Apesar disso, as jovens católicas conseguiram desenvolver um conjunto de práticas educativas absolutamente inovadoras, para a realidade portuguesa, suportadas no pensamento de um autor que o regime não tolerava. Por que é que isto aconteceu e como é que isto aconteceu? Fomos respondendo a estas questões convocando, em simultâneo, uma análise dos documentos disponíveis que serviram de base ao trabalho desenvolvido e as memórias de quem viveu este processo na primeira pessoa (Alcoforado & Ferreira, 2013; 2014). Visitámos alguns dos espaços e das comunidades rurais que foram palco e agentes daquelas atividades e conversamos com ex-alunos da *Escola da Amizade*. Ouvimos o relato entusiasmado de um dos docentes da Universidade que ajudou na preparação da equipa de Alfabetizadores/as e Animadores/as e quisemos recolher as opiniões de alguém que tivesse participado nas práticas de alfabetização, tendo dedicado a esta ação as suas férias de Verão do ano de 1970, como membro integrado de uma comunidade rural da região de Coimbra, contribuindo para que mais pessoas acessem à leitura e à escrita, ao mesmo tempo que conheciam melhor e discutiam o seu mundo e outros mundos.

Tal como Paulo Freire, em Angicos, também “as moças do Graal” quiseram que este trabalho fosse desenvolvido por estudantes, na

sua maioria oriundos da Universidade de Coimbra, mas igualmente de outras instituições nacionais e europeias. Como já referimos antes e noutro texto (Alcoforado & Ferreira, 2013), estes/as jovens envolveram-se num programa de preparação que teve como principal texto de análise o livro *Educação como Prática de Liberdade*, de Paulo Freire, reforçado com debates sobre temas políticos, sociais, culturais e demográficos, animados pelas jovens do Graal, com a participação de docentes da Universidade de Coimbra.

Neste texto, em concreto, procuraremos trazer, de seguida, ainda que de uma maneira muito breve, mais alguns contributos para ajudar a compreender o processo, então desenvolvido. Primeiro, apenas para uma compreensão mínima do trabalho que foi levado a cabo, retomaremos uma breve síntese dos textos preparatórios do programa, procurando identificar as finalidades e as razões que as jovens enunciavam para estas suas iniciativas. Depois, recorreremos às memórias e as significações atuais de uma estudante, que naquela época frequentava a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e que participou no programa como alfabetizadora, para tentarmos perceber a forma como ele foi vivido pelos/as Alfabetizadores/as e Animadores/as, na sua relação com as comunidades rurais que envolveu. Usaremos, para atingir este último objetivo, a informação recolhida através de uma entrevista não estruturada, realizada no último ano.

2. As razões e os resultados de “um trabalho sensato, nos limites da boa tática e não reacionário”

O Graal tinha aparecido em Portugal pouco mais de uma década antes destas atividades. Era um movimento cristão, integrado por mulheres de diferentes proveniências e interesses que se impunham a construção de uma nova realidade, constituindo as mulheres como

uma nova força social, capazes de contribuir, através de formas inovadoras e subversivas de intervenção, para introduzir mudanças significativas, ao nível qualitativo e quantitativo, na vida das pessoas, das comunidades e da sociedade em geral (Graal, 1979). Como noutras latitudes e longitudes, as jovens portuguesas decidiram que essa procura espiritual e epistemológica de uma ação transformadora intragrupal, apenas teria sentido se fosse alargada aos contextos de pertença, materializada através de práticas educativas e sociais concretas, junto das pessoas mais desfavorecidas e oprimidas, procurando envolve-las num movimento problematizador da sua realidade existencial.

A sua instalação no país não tinha sido completamente pacífica. Após uma recusa da hierarquia da Igreja católica em autorizar a sua atividade na diocese de Lisboa, motivada pelo receio das perturbações que poderiam advir da presença potencialmente tormentosa de um “peixe vermelho” num aquário de águas e população muito serenas³, as dirigentes do movimento viram-se obrigadas a procurar outros contextos, com autoridades eclesiásticas mais tolerantes. Foi assim que os seus primeiros centros surgiram nas cidades de Portalegre e Coimbra. Nesta última cidade, contaram com a simpatia e colaboração ativa de algumas das estruturas católicas de jovens universitários e com a cumplicidade de algum clero local, mais sensibilizado para estas práticas sociais. Em qualquer das regiões em que se instalou, o movimento compreendeu, de imediato, a necessidade de fazer acompanhar os seus objetivos transformadores com práticas, primeiro de alfabetização de adultos e depois, com a colaboração de especialistas da Universidade de Roma, de algumas

³ Esta expressão foi-nos referida por um dos elementos que integrou a equipa técnica de preparação dos alfabetizadores e animadores sociais. Foi a mesma pessoa que nos relatou o processo de instalação e desenvolvimento das atividades do Graal em Coimbra, descrições que aparecem corroboradas por uma entrevista posterior de Maria de Lurdes Pintassilgo a António Teodoro.

ações de investigação, relacionadas com o campo da *sociologia participada*. Apesar da desconfiança do poder eclesiástico e de algum acompanhamento circunstanciado por parte das autoridades políticas do regime, o facto de se tratar de um movimento católico e o direito que a concordata assinada entre a Santa Sé e o estado português garantia às associações católicas, permitiu-lhes desenvolver, ainda que de forma condicionada, com algum taticismo e várias cedências, as suas iniciativas.

No verão de 1970, as jovens do Graal, incentivadas pelo êxito das práticas precedentes e motivadas por um desejo de intervenção que o ambiente universitário da época, em Coimbra, favorecia, lançaram-se num projeto de expressão e dimensão muito significativas. Tal como consta das notas preparatórias para a formação das equipas, retiradas da leitura de *Educação como Prática de Liberdade*, eram animados/as pela convicção de que se podia constatar, a partir das práticas pedagógicas de Paulo Freire, que toda a animação (ação cultural) coloca desafios ao homem, objetivando a sua situação existencial e na medida em que o homem responde aos desafios, ele produz a sua cultura (entendida como resultado de toda a ação humana) e transforma o mundo (Graal, 1979). Nos mesmos textos, anunciava-se que a alfabetização, no sentido de Paulo Freire, é um ato de conhecimento de uns tantos símbolos que permitem o domínio da escrita, mas é, sobretudo, um ato tão íntimo e pessoal do próprio sujeito cognoscente, que acaba por libertá-lo, de dentro, abrindo-lhe os olhos para a sua situação de “ser livre, mas atado, por outro lado, aos grilhões da servidão”, representando, desta forma, um ato constitutivo de liberdade, tão cívica quanto política e, por isso, criador de um homem novo e de uma sociedade nova.

A alfabetização de pessoas adultas constituía, então, um objetivo central. Por isso mesmo, quarenta estudantes, divididos em três equipas, envolveram cerca de vinte grupos de adultos, em três comunidades rurais da região de Coimbra, durante um período de

quarenta e cinco dias, coincidente com as férias letivas. Depois, na área da animação social, um alargado conjunto de debates, de representações teatrais e de trabalhos de utilidade comum, procuraram envolver todas as comunidades em dinâmicas geradoras de mudança. Por fim, criaram-se as condições para o funcionamento da “Escola da Amizade”, dando corpo a um alargado conjunto de atividades de pós-alfabetização, destinadas a preparar as pessoas adultas para a realização de exames de elevação dos níveis de escolaridade⁴. Como linha de união entre estas diferentes práticas educativas encontrava-se o seu suporte nas grandes linhas de pensamento da pedagogia freireana.

Uma conclusão que facilmente se pode retirar, ainda hoje, quando visitamos as comunidades e conversamos com as pessoas envolvidas, relaciona-se com o forte impacto positivo que aquela intervenção teve nas suas vidas. Desde efetivas mudanças pessoais, resultantes de novos envolvimento e desafios, à implantação de novos projetos sociais, que germinaram em iniciativas de base associativa, tudo nos impele a pensar que, muito mais que a aprendizagem da leitura e da escrita, para muitos, e da posterior elevação dos níveis de escolaridade, para alguns, foi o mundo de todos e todas que saiu transformado. Mesmo o mundo dos docentes da Universidade que se identificaram com novas formas de trabalho educativo e, principalmente, o daqueles e daquelas estudantes que quiseram ser Alfabetizadores/as e Animadores/as, trabalhando com as pessoas, nas suas comunidades, durante umas férias de Verão. Concluímos o conjunto de textos que nos propusemos escrever sobre esta iniciativa, relatando as vivências de uma estudante de medicina que participou como Alfabetizadora, nas

⁴ Noutro texto sobre estas iniciativas (Alcoforado & Ferreira, 2013), damos conta das recordações e da avaliação muito positiva que os/as ex-alunos/as fazem da Escola da Amizade. Foi aliás pelo registo das suas memórias que tivemos conhecimento da designação encontrada, à época, para esta componente das atividades então desenvolvidas.

memórias e significações que a médica que hoje trabalha no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra lhe atribui. Como nos referiu na sua entrevista, se tem consciência que contribuiu para mudar um pouco as pessoas com as quais se envolveu, nos processos de alfabetização e animação, está absolutamente convicta que a maior beneficiária de todas aquelas atividades foi ela própria. O que resulta do seu relato, que sintetizamos no ponto seguinte, talvez possa ser melhor compreendido numa frase sua, que podia ser escolhida como corolário do impacto que as suas memórias ainda têm na sua vida: “não tenho qualquer dúvida que hoje sou melhor médica e melhor profissional, por ter vivido aquela experiência”.

3. Relatos de vivências de outrora e das significações que permanecem no presente

Da longa narrativa acerca da participação, enquanto alfabetizadora, nas iniciativas desenvolvidas na região de Coimbra, no ano de 1970 sobressai, no conjunto muito diverso de elementos recordados, a riqueza factual e emocional que esta experiência teve na vida de todos e de todas aqueles/as que tiveram a oportunidade de “crescerem, aprenderem e também de estarem juntos a debater temas que nos interessavam a todos”. Das vivências da aplicação do método de Paulo Freire notabiliza-se o reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento de pessoas, particularmente de mulheres com baixos níveis de alfabetização, assim como das próprias comunidades. Imbuído de um cunho religioso, este projeto incluiu, como se disse, a participação de um grupo diverso de estudantes, voluntários e voluntárias, que colaboraram, com regularidade, nas atividades de alfabetização e conscientização.

Desafiada, quase meio século após, a rever as ações desenvolvidas pelo Graal, a alfabetizadora que tivemos oportunidade de

entrevistar traça um relato emotivo de ações inovadoras, diversificadas, e muito participadas, todas elas desenvolvidas com elevada motivação por parte de todos os agentes, num contexto geográfico e social pautado pela ruralidade, no qual colaboravam vários estudantes da Universidade, assim como voluntários estrangeiros, que se encontravam nesta região precisamente com o propósito de colaborar nas iniciativas desenvolvidas.

Começaram a fazer-se reuniões, porque na altura existia um grande défice de alfabetização. O volume de pessoas analfabetas era muito elevado, particularmente em algumas zonas da região... Dianteiro, Cabouco, Almalaguês e... Eiras.

Na altura havia ligação com a Caritas, a Caritas emprestava o carro para os estudantes da Academia, de várias Faculdades, que iam à noite dar as aulas.

À semelhança do que ocorreu no contexto da análise das perspetivas de formandos que participaram nestas atividades educativas, consubstanciadas no método Paulo Freire, as quais foram já alvo de sistematização (Alcoforado & Ferreira, 2013), também no âmbito desta recolha de memórias se tornou evidente a centralidade do coletivo e não da dimensão individual. A narrativa privilegia as implicações múltiplas de um processo de aprendizagem que transpôs as barreiras do indivíduo, tendo constituído uma vivência colaborativa de mudança transformadora, através de momentos de convívio, de partilha, de discussão e de aprendizagem sobre o mundo e sobre as pessoas que o habitam.

No projeto desenvolvido pelo Graal as abordagens favorecidas eram, como temos vindo a expor, substantivamente distintas das abordagens implementadas em contextos de educação e de instrução, no Portugal de 1970. Valorizavam-se a horizontalidade entre aprendentes, dinamizadores/as e alfabetizadores/as, assim como a

abertura na seleção de temáticas e na sua discussão. Conforme refere, *“a tomada de consciência destas mulheres e, também a noção da sua força coletiva foi uma dimensão muito importante”*. Não se trata, apenas, de um projeto de aprendizagem da leitura e da escrita na idade adulta, mas sim de um processo de transformação que culminou em mudanças significativas, nas pessoas que o frequentaram e, igualmente, nas comunidades em que ocorreu. Estimulava-se, portanto, uma alfabetização funcional e cultural, assente nas premissas da ação colaborativa, da participação e da generosidade.

Era um método muito mais eficaz, muito mais eficaz. As pessoas aprendiam com muito mais facilidade (...) E vinham todas muito animadas porque aprendiam rápido. Valorizavam muito o saber escrever o seu nome. As pessoas diziam que pensavam que era muito mais difícil e que demoraria muito mais tempo, mas que rapidamente conseguiam apreender aquilo que era ensinado.

Fazíamos alfabetização, mas também existiam reuniões de discussão de temas, teatro... muitas iniciativas diferentes, que envolviam pessoas das comunidades.

A dimensão educativa e transformadora deste projeto é apontada, em diversos momentos da entrevista, como uma das características distintivas deste processo de educação e formação de adultos. Desde logo, a sua não obrigatoriedade trouxe uma dimensão de participação espontânea, desejada e muito motivada, quer por parte de aprendentes, quer no que concerne os/as voluntários/as e alfabetizadores/as. Para além das atividades desenvolvidas nas localidades rurais, os habitantes também eram convidados a frequentar as tertúlias e debates que ocorriam na cidade de Coimbra. Saliente-se, contudo, que foi evidente alguma reserva por parte de elementos da comunidade, em específico, as mulheres que tinham receio de que a ida para estes momentos de discussão e partilha,

ao fim da tarde e à noite, pudesse ser conotada com a participação em movimentos políticos antirregime.

No princípio as pessoas aderiram bem, mas depois as pessoas... sabe que era um outro regime e as pessoas começaram a ter algum medo... Também pelos temas que se abordavam e pelas canções, pois os estudantes cantavam muitas canções que apelavam a uma outra forma de estar em sociedade.

No entanto, este receio foi ultrapassado, muito em resultado da presença de jovens nas comunidades, os quais convocavam os/as habitantes a envolverem-se nas iniciativas de promoção cultural, de desenvolvimento comunitário e de conscientização política, que eram desenvolvidas em registo regular (*“Eles iam com as pessoas trabalhar para o campo, e ajudavam as comunidades de muitas formas”*).

Por vezes, os pais chateavam-se com elas porque se dedicavam a atividades de educação e formação, em vez de realizarem as tarefas de casa que se esperava que as mulheres cumprissem. Mas elas continuavam a ir e, por vezes, até os maridos e outros membros da família passaram a ir também.

Para esta entrevistada, estas atividades constituíram uma importante conscientização, que se constituiu como elemento de *“preparação para a revolução que mais tarde ocorreu em Portugal”*. Esta dimensão, igualmente reconhecida pelos aprendentes (cf. Alcoforado & Ferreira, 2013) é de grande importância, pois contribuiu para o empoderamento de pessoas e comunidades, em particular aquelas que se encontravam em circunstâncias de maior vulnerabilidade.

na minha opinião se o Graal não tivesse implementado as iniciativas que implementou as zonas rurais em que estas ocorreram

não se teriam desenvolvido e não seriam, hoje, aquilo que são. A nível do desenvolvimento, de pessoas também, não teria sido possível o crescimento que hoje é uma realidade.

O que o Graal fez naquela altura tem paralelo com aquilo que se tentou com as novas Oportunidades, hoje. A diferença é que hoje existe pagamento e naquela altura... eles eram voluntários e vinham às aldeias e estavam lá com as comunidades nas atividades do quotidiano das pessoas e das próprias aldeias.

Enquanto elementos ativos e decisores das comunidades, estes homens e mulheres comprometeram-se com a promoção da sua literacia e com o desenvolvimento dos contextos em que estavam integrados/as.

4. (Breves) Reflexões finais

Movidos/as por um desejo de “construir um mundo melhor”, o qual se pautaria pelos valores da partilha, da aprendizagem, da voluntariedade e da conscientização do mundo, os alfabetizadores/as que colaboraram no projeto de educação e formação preconizado pelo Graal participaram ativamente na promoção do desenvolvimento de pessoas e de comunidades, num contexto social e histórico ainda pautado por um regime ditatorial. Estávamos no início da década de 70 quando as primeiras experiências do Método Paulo Freire em Portugal ocorreram, tendo sido selecionadas algumas zonas de maior analfabetismo e ruralidade para a sua concretização. No contexto deste processo de alfabetização promoveram-se ações muito diversas, as quais incluíram aulas de aprendizagem da leitura e da escrita, aprendizagem do cálculo e de outros conhecimentos de matemática, assim como tertúlias e debates sobre temas diversos. A estas ações acrescem sessões de teatro, canto, e outras atividades culturais.

No entanto, este projeto não se restringiu a estas intervenções, tendo ainda incluído apoio às comunidades noutros âmbitos, nomeadamente na melhoria das condições de vida de pessoas e famílias, na agricultura e, até, na potenciação da qualidade de diversas infraestruturas.

Passadas várias décadas a riqueza destas ações permanece na memória de alfabetizadores/as e alfabetizados/as, sendo evidente no relato desta alfabetizadora que as experiências vividas tiveram repercussões até ao presente. Para este reconhecimento muito concorre a especificidade que o método Paulo Freire possui, dado que pressupõe o reconhecimento de saberes e de necessidades, por parte dos/as adultos/as em alfabetização, os quais são essenciais para a ressignificação de si e do mundo. A conscientização cultural e política ocorreu, assim, de forma profundamente entrosada nas vidas de pessoas e comunidades, num convite à participação volitiva e responsável na transformação individual e coletiva. Neste âmbito distingue-se o empoderamento das mulheres destas comunidades que, por vezes à revelia dos desejos do marido e/ou família de origem, se envolviam nestes processos de aprendizagem, fortalecendo através deles a sua autonomia e emancipação. Estas mulheres foram, assim, elementos centrais de progresso, pois as mudanças que sentiram, e de que ainda nos dão conta hoje, não se limitaram a si mesmas, tendo sido disseminadas na família e nas coletividades a que pertence(ra)m.

Sendo certo que Paulo Freire foi aduzindo outros contributos e fazendo evoluir as suas reflexões teóricas (Freire, 1972; 1984; 1992; Scocuglia, 1999), o êxito obtido com estas experiências educativas assume, por isso mesmo, uma importância incontornável. Permite-nos, antes de mais, aceitar o seu desafio para que o questionemos e reinventemos, ajudando a multiplicar a atualidade das suas propostas, em favor de uma real humanização das pessoas e das sociedades e incita-nos a contribuir para a construção de um mundo, onde todos e todas, continuamente, possam ser mais. Impele-nos, depois, a procurar e exercitar todas as formas de reencontro

da Universidade de Coimbra com o pensamento e a práxis de um dos pedagogos mais importantes da segunda metade do século XX, que continua a inspirar inéditos viáveis de paz, democracia, liberdade e justiça, incentivando os alunos e docentes de hoje, a envolverem-se nesta procura.

Referências bibliográficas

- Alcoforado, L. (2015). A Educação de Adultos em Portugal, na Segunda Metade do Século XX. In M. S. Ferreira, M. B. L. Cabral, L. C. Queiroz & I. M. L. M. Ibiapina (Eds.), *Investigação em Educação, diversidade de saberes e de práticas*, (p. 237 – 259). Teresina: Impece.
- Alcoforado, L. (2013). O que podemos aprender com Paulo Freire no planeamento e desenvolvimento de projetos educativos locais, na atualidade, em Portugal. In *Atas do VIII Colóquio Internacional Paulo Freire. Educação Como Prática da Liberdade: saberes, vivências e (re)leituras em Paulo Freire*. Recife: UFPE.
- Alcoforado, L. & Ferreira, S. M. (2014). De Angicos para o outro lado do Atlântico: os apelos portugueses ao pensamento e à práxis de Paulo Freire na década de setenta do século 20. In M. Gadotti (Ed.), *Alfabetizar e Conscientizar. Paulo Freire, 50 anos de Angicos* (pp. 328-341). São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- Alcoforado, L. & Ferreira, S. M. (2013). Experiência do “Método Paulo Freire” na região rural do município de Coimbra (Portugal, 1970), *Revista Educação em Questão*, 47 (33) 59 - 85.
- Alcoforado, L. & Ferreira, S. M. (2011). Educação e Formação de Adultos: nótulas sobre a necessidade de descomprometer a Cinderela depois do beijo do Príncipe Encantado. In L. Alcoforado *et al.* (Eds.), *Educação e Formação de Adultos. Políticas, práticas e investigação* (pp. 7-20). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1984). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.
- Graal. (1983). *Graal, 25 anos de História*. Lisboa: Edições Graal.
- Teodoro, A. (2002). *As políticas de educação em discurso directo: 1955-1995*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Scocuglia, A. C. (1999). *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: UFPB.